

10

ELISEU RECLUS

**A ANARQUIA  
E A IGREJA**



1924

EDITORIAL  
DA  
UNIÃO ANARQUISTA PORTUGUESA  
LISBOA

ELISEU RECLUS

---

A ANARQUIA  
E A IGREJA

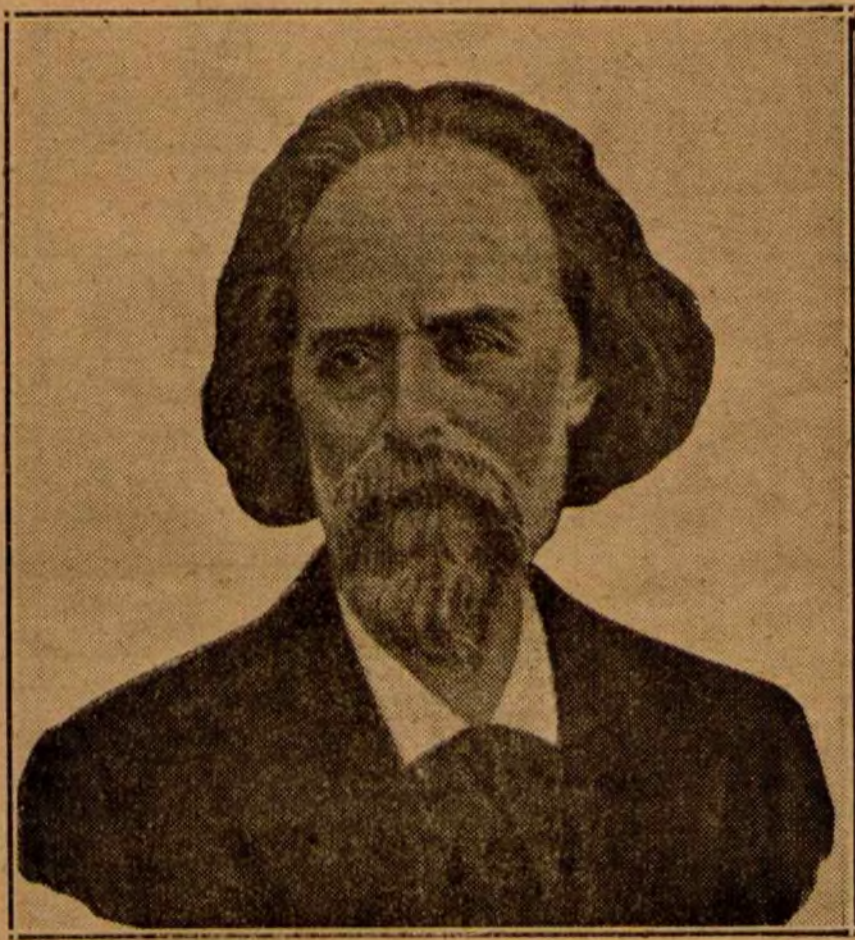
---

PREÇO 1\$00

---

1924

EDITORIAL  
DA  
UNIÃO ANARQUISTA PORTUGUESA  
LISBOA



ELISEU RECLUS

1880 - 1905

## BIOGRAFIA

*Reclus, como Krapotkine, reuniu completamente todas as qualidades do verdadeiro homem de sciencia.*

*Foi sabio na vastidão dos seus profundos conhecimentos, na grandeza nobre e simples do seu espirito de eleição, sempre postos á disposição da Verdade livre que deve orientar a vida humana.*

*Não foi um desses sabios ridiculos que se julgam magos e se collocam a si proprios no altar da sciencia; pelo contrario basta contar a rapidos traços a sua vida de nobilitante e exemplar modestia, para se avaliar do seu inconfundivel valor.*

*Jean-Jacques-Eliseu Reclus, nasceu em Sainte-Foy-la-Grande (Gironde) a 15 de Março de 1830. Era filho dum pastor protestante, que o enviou a completar os seus estudos á Faculdade protestante de Montanbou e a Berlim.*

*Desde pequeno Eliseu manifestou as suas ideias de entranhado amor á liberdade, começando por militar nas ideias republicanas então em luta desesperada contra o ultramontanismo que invadia e afogava a França. Reclus um dia, não tendo dinheiro para a passagem, veio, com seu irmão, Elie, anarquista tambem, a pé de Berlim para Paris, donde fuge, por ocasião do golpe de Estado de 2 de Dezembro de 1851, que entregou a França amordaçada nas mãos do traidor Luiz Bonaparte, Napoleão III. Resolve então viajar e percorre as Ilhas Britanicas, os Estados Unidos, a America do Sul, especialmente a Nova Granada onde vive alguns anos.*

Nestas viagens Reclus reuniu grande numero de notas e indicações preciosas que mais tarde poudo felizmente utilizar nas suas obras scientificas e regressou á França em 1857. Como redactor da Revue des Deux-Mondes e Tour du monde publicou importantes artigos e na primeira destas duas importantes revistas publicou um<sup>8</sup> artigos celebres sobre a guerra que então abalava a America do Norte, por causa da lei de abolição da escravatura que o presidente Lincoln, então assassinado, defendia e os plantadores esclavagistas sul atacavam. Reclus aclarou a opinião publica, defendendo a justiça da causa de Lincoln. O ministro dos Estados Unidos propoz que se premiasse Reclus com uma grande quantia de dinheiro, o que este recusou, ao contrario do que succede com muitos pretensos sabios e defensores da «verdade» que o fazem na mira dum alto cargo rendoso.

Reclus escreveu obras de geografia geral conhecidas em todo o mundo, que o collocaram em primeiro lugar entre os vulgarisadores generosos da sciencia. Fez parte da comissão central da Sociedade de Geografia de França. Como verdadeiro homem de sciencia, Reclus não esqueceu a sociedade em que vivia e a sorte dos seus irmãos oprimidos pelo despotismo dos ricos. Em 1869 com grande horror do Despotismo e do Imperio, filiou-se na Internacional, ao lado de Bakounine, Krapotkine, Malatesta, Guillaume e tantos outros que foram os percursores das organizações proletarias de caracter libertario da actualidade.

Em 1870, quando os prussianos chegaram ás portas de Paris e as forças do exercito francez com Thiers á frente pactuavom depois de tantas arremetidas quixotescas e se refugiavam em Versailles, o povo proclamou a Comuna, incitando as restantes cidades a se liber-

tarem, formando a Federação das comunas. Reclus que havia entrado para a companhia de aerosteios de Nadar, ficou em Paris. A 25 de Março escreve no jornal Grito do Povo um artigo atacando fortemente o governo e pronunciando-se com energia contra a chacina dos proletarios. Num reconhecimento sobre o planalto de Châtillon foi feito prisioneiro pelo exercito de Versailles e detido sete mezes em Brest onde ocupou o seu tempo ensinando matematica aos seus companheiros de prisão. A 15 de Novembro de 1871 o 7.º Conselho de Guerra reunido em Saint-Germain condena-o a deportação.

Então, Darwin, o professor Williamson, lord Amberley e muitos homens de sciencia enviaram de Inglaterra ao governo francez uma mensagem pedindo a liberdade de Reclus. Thiers, o tigrino manchado de sangue do nobre povo parisiense, comutou-lhe em 4 de Janeiro de 1877, a pena de deportação em expulsão. Reclus abandona a França e vai para Italia onde morre sua mulher que sempre o acompanhara nas suas viagens.

As principais obras de Eliseu Reclus são as seguintes:

Guia do viajante em Londres, (1860); Viagem na Serra Nevada de Santa Marta, (1861); Londres ilustrada, para a Exposição de 1862; Cidades de inverno do Mediterraneo e Alpes-Maritimos, obra importantissima; Historia dum resgate, pequena obra prima; Introdução ao Dicionario das Comunas de França, (1864); O Homem e a Terra; A Terra; descrição dos fenomenos de vida no globo (1867 a 1868), traduzida em varias linguas; Nice, Cannes, Monaco, Menton, San-Remo, (1870); e Fenomenos terrestres, (1872).

Alem destas obras de verdadeira sciencia não ofuscadas por preconceitos como as obras officiais, Reclus publicou estudos sociais,

cujo valor se pode avaliar pelo presente folheto. Juntamente com Pedro Krapotkine editou o jornal *Le Révolté*, colaborou em inúmeros jornais anarquistas de todos os paizes e dentro os seus folhetos e livros de propaganda social destacaremos *Evolução e Revolução*, *A Montanha*, *A Evolução legal* e *a Anarquia*, e *Ao camponez*, meu irmão.

*O estilo literario de Reclus é agradável, influente, claro e conciso. Uma doce simplicidade envolve os mais profundos pensamentos de Reclus.*

*Reclus não se limitou a ser um daqueles homens de sciencia que fingem accitar como protectores os ideais avançados. Foi anarquista declarado, afirmou-o nos seus escritos e nos seus actos.*

*Toda a sua vida foi uma completa renuncia ás honras mundanas, uma completa dedicação ao ideal que professava abertamente.*

*Não esqueceremos mencionar que passou um dia por Portugal em viagem para a Africa, e aqui conheceu-o o nosso querido falecido Antonio José d'Avila, que recordava muitos vezes um episodio que classifica o character simples de Reclus.*

*Eliseu Reclus era vegetariano; as suas refeições muito frugais. Quando chegou a Lisboa alguns desses eternos bajuladores que gostam de reverenciar a grandeza com jantares, convidaram-no, ao que ele se recusou alegando que jantassem sem ele, que por si se contentava com as suas laranjas, e não saiu do pé dos seus amigos anarquistas, que, como Avila, não pactuavam com a burguezia.*

*Eliseu Reclus morreu em 1905.*

# A ANARQUIA E A IGREJA

POR

ELISEU RECLUS

A atitude do anarquista perante o homem de igreja acha-se traçada de antemão: — enquanto os padres, frades e toda a classe de detentores de um suposto poder divino se encontrem constituídos em liga de dominação, combatê-los-ha sem descanso, com toda a energia de sua vontade e com todos os recursos da sua intelligencia e da sua fôrça. Essa luta não impedirá que se guarde o respeito pessoal e a simpatia humana a cada individuo, cristão, budista, fetichista, etc., desde que cesse seu poder de ataque e de dominio. Começemos por libertarmo-nos e trabalhemos depois pela liberdade do adversario.

O que ha a temer da Igreja e de todas as igrejas ensina-o claramente a historia, e sobre este ponto não ha duvida: todo o equivoço ou interpretação desnaturalizada é inaceitavel; é mais, é impossível. Somos odiados, execrados, malditos; condenam-nos aos suplicios do inferno, o que para nós carece de sentido, e o que é positivamente peor, indicam-nos á vindicta das leis temporais, á vingança especial dos carcereiros e verdugos e ainda á originalidade dos atormentadores que o Santo Officio, vivente ainda, mantém nos calabouços.



A linguagem official dos papas, fulminando em suas recentes bulas, dirige expressamente a campanha contra os «moradores insensatos e diabólicos, os orgulhosos discipulos de uma suposta sciencia, as gentes delirantes que proclamam a liberdade de consciencia, os depreciadores de todas as coisas sagradas, os odiosos corruptores da juventude, os obreiros do crime e da iniquidade». Anatemas e maldições dirigidas preferentemente aos homens revolucionarios que se denominam libertarios ou anarquistas.

Perfeitamente; é lógico que os que se dizem e se consideram consagrados ao dominio absoluto do género humano, imaginando-se possuidores das chaves do ceu e do inferno, concentrem toda a força do seu ódio contra os réprobos que negam os seus direitos ao poder e condenam todas as manifestações desse poder. Extremínio! Extremínio! — tal é a divisa da Igreja, como nos tempos de São Domingos e de Inocencio III.

A' intransigencia católica opomos igual intransigencia, mas como homens, e como homens inspirados na sciencia, não como taumaturgos e déspotas. Condenamos em absoluto a doutrina católica, assim como todas as religiões afins; combatemos suas instituições e suas obras; trabalhamos para desvanecer os efeitos de todos os seus actos. Mas isto sem ódios ás suas pessoas, porque não ignoramos que todos os homens se determinam pelo meio em que suas mães e a sociedade os collocaram; sabemos que outra educação e circunstancias menos favoraveis teriam podido embrutecer-nos tambem, e o que sobretudo nos propomos é desenvolver para eles, se ainda é tempo, e para as gerações vindouras, outras condições novas que curem novamente os homens da «loucura da cruz» e demais alucinações religiosas.

Longe de nós a ideia de nos vingarmos quando chegue o dia em que sejamos os mais fortes! Os cadafalsos e as fogueiras seriam insufficientes para vingar o numero infinito de vitimas que as Igrejas, e a cristã muito especialmente, tem sacrificado em nome de seus deuses respectivos, durante a série de seculos de sua ominosa dominação. Além disso a vingança não se conta entre os nossos principios, porque o ódio chama o ódio e nós sentimo-nos

animados de mais vivo desejo de entrar em uma nova era de paz social. O firme proposito que nos guia não consiste em empregar «as tripas» do ultimo sacerdote para enforcar o «ultimo rei», mas sim em proceder de modo que não nasçam reis nem padres, na purificada atmosfera da nossa nova sociedade.

Lógicamente, a nossa obra revolucionaria contra a Igreja começa por ser demolidora antes que possa ser construtiva, apesar de que as duas fases da acção sejam independentes entre si, ainda que sob diversos aspectos, segundo os diferentes meios. Sabemos, demais, que a força é inapplicavel para destruir as crenças sinceras, as cândidas e ingénuas illusões, e por isso não tratamos de penetrar nas consciencias para arrancar delas as perturbações e os sonhos fantasticos, mas podemos trabalhar com todas as nossas energias em separar do funcionamento social tudo o que não concorde com as verdades scientificas reconhecidas; podemos combater incessantemente o erro de todos os que pretendem haver encontrado fora da humanidade e do mundo um ponto de apoio divino que permite a certas castas de parasitas erigir-se em intermediarias misticas entre o creador ficticio e suas supostas creaturas.

Posto que o temor e o espanto foram em todo o tempo as causas que subjugaram os homens, como reis, sacerdotes, magos e pedagogos o tem reconhecido e repetido sob diferentes formas, combatemos sem cessar esse vão terror dos deuses e de seus interpretes, pelo estudo e pela serena e clara exposição das coisas. Persigamos todás as mentiras que os beneficiarios da antiga necidade teológica tem espargido na prédica, nos livros e nas artes, e não descuidemos a opposição ao vil pagamento dos impostos directos e indirectos que o clero nos extorque; impeçamos a construção de templos luxuosos e grandes, de cruces, de estatuas votivas e outras fealdades que desonram e envilecem povoações e campinas; inutilisemos o manancial desses milhões que de todas as partes afluem ao grande mendigo de Roma e para os inumeraveis sub-mendigos de suas congregações, e, finalmente, pela propaganda diaria, roubemos aos padres as creanças que se lhes dá a batizar,

os adolescentes de ambos os sexos que acreditam na fé pela ingestão de uma hostia, os adultos que se submetem á cerimonia matrimonial; os desgraçados a quem iniciam no vicio pela confissão, os moribundos a quem aterrorizam no derradeiro momento da vida.

Deseristianizemo-nos e deseristianizemos o povo.

Mas, objecta-se-nos, as escolas em França, até as que se denominam laicas, cristianizam a infância, é dizer, toda a geração futura, ¿ como encerraremos essas escolas, posto que nos encontramos perante pais de familia que reivindicam a «liberdade» da educação escolhida por elles? E' aqui que a nós, que falamos sempre de «liberdade» e que não comprehendemos o individuo digno desse nome se não na plenitude de sua nobre independencia, se nos opõe tambem a «liberdade»! Se a palavra correspondesse a uma ideia justa, deveriamos curvar a cabeça respeitosa para ser consequentes e fieis a nossos principios; mas essa liberdade do pai de familia, é o rapto, a simples apropriação do filho, que é dono de si mesmo, e que se entrega á Igreja ou ao Estado para que o deformem a seu belo talante. Essa liberdade é semelhante á do burguez industrial que dispõe, mediante o salario, de centos de braços e os emprega como lhe convem em trabalhos pesados e embruteçadores; uma liberdade como a do general que faz manobrar á sua vontade as «unidades tacticas», de «baionetas» ou de «sabres».

O pai, herdeiro convencido do *pater familias* romano, dispõe igualmente de filhos e filhas para matá-los moralmente ou, o que é peor, para envilecê-los.

De estes dois individuos, o pai e o filho, virtualmente iguais a nossos olhos, o mais débil tem direito preferente ao nosso apoio e defeza, á nossa decidida solidariedade contra todos os que o prejudicam, ainda que entre elles se contem o pai e até a mãe que o levou em seu seio.

Se, como succede em França, por uma lei especial imposta pela opinião pública, o Estado nega ao pai de familia o direito de condenar o seu filho a perpétua ignorancia, os que estamos de co

ração com a geração nova, sem leis, pela liga de nossas vontades, faremos todo o possível para protegê-la contra a péssima educação.

Que a creança seja arrastada, presa e atormentada de varias maneiras por seus pais; que seja tratada com mimo e envenenada com guloseimas e mentiras; que seja catequisada por eunucos da doutrina cristã, ou que aprenda em casa dos jesuitas uma história pérfida e uma falsa moral, compostas de baixeza e crueldade, o crime é o mesmo e nós propomo-nos combatê-lo com a mesma energia e constancia, solidarios sempre com o ser sistematicamente prejudicado.

Não ha duvida que emquanto subsistir a familia sob a sua forma monarquica, modelo dos estados que nos governam, o exercicio da nossa firme vontade de intervenção pela creança contra os pais e os ecclesiasticos será de cumprimento difficil, mas por isso mesmo devem dirigir-se nesse sentido os nossos esforços, porque não ha termo médio: —ou se é defensor da justiça ou cúmplice da iniquidade.

Neste ponto se apresenta tambem, como em todos os demais aspectos da questão social, o grande problema que se discute entre Tolstoi e outros anarquistas acerca da resistencia ou não resistencia ao mal. Por nossa parte opinamos que o ofendido que não resiste entrega de antemão os humildes e os pobres, aos opressores e aos ricos. Resistamos sem ódio, sem rancor nem animo vingativo, com a serenidade suave do filosofo que reproduz exactamente a profundidade do seu pensamento e sua decidida vontade em cada um dos seus actos.

Tenha-se presente que a escola actual, tanto se a dirige o sacerdote religioso como o sacerdote laico, vai franca e decididamente contra os homens livres, como se fôra uma espada ou, melhor, como milhões de espadas, porque se trata de preparar contra todos os inovadores os filhos da nova geração.

Comprendemos a escola, como a sociedade, «sem deus nem amo», e por consequente consideramos como funestos todos esses antros onde se ensina a obediencia a um deus e sobretudo a seus

supostos representantes, os amos de todas as classes, padres, reis, funcionarios, simbolos e leis. Reprovamos tanto as escolas em que se ensinam os pretendidos deveres civicos, isto é, o cumprimento das ordens dos erigidos em mandarins e o ódio aos habitantes do outro lado das fronteiras, como aquelas outras em que se repete ás creanças que hão-de ser como «báculos nas mãos dos sacerdotes». Sabemos que ambas as classes de escolas são funestas e igualmente más, e quando tivermos a força necessaria encerraremos umas e outras.

«Vá ameaça! dir-se-ha com ironia. Não sois os mais fortes e ainda dominamos os reis, os militares, os magistrados e os verdugos». Assim parece, mas todo esse aparato de repressão não nos espanta, porque tambem a Verdade é uma força poderosa que descobre os horrores que se occultam nas alfurjas da maldade; prova-o a historia, que se desenvolve a nosso favor, porque se é certo que a «sciencia quebrou» para os nossos adversarios, nem por isso tem deixado de ser um só instante o nosso guia e nosso apoio.

A differença essencial entre os defensores da Igreja e seus inimigos, entre os envilecidos e os homens livres, consiste em que os primeiros, privados de iniciativa propria, não existem se não pela massa, carecem de todo o valor individual, debilitam-se pouco a pouco e morrem, enquanto que a renovação da vida se faz em nós pela acção expontanea das forças anarquicas.

Nessa nascente sociedade de homens livres, que trata penosamente de desprender-se da crisálida burgueza, não poderia ter esperanza de triunfo, nem ainda teria vencido, se tivesse de lutar com homens de vontade e de energias proprias; mas a massa dos devotos e das devotas vergada pela submissão e pela obediencia, permanece condenada á indecisão, á desordem volitiva, a uma espécie de ataxia intelectual. Qualquer que seja, desde o ponto de vista de seu officio, de sua arte ou de sua profissão, o valor do catolico crente e praticante; quaisquer que sejam tambem suas qualidades de homem, não é, a respeito do pensamento mais que uma matéria amorfa e sem consistencia, posto que abdicou completa-

mente do seu juizo e pela fé cega se colocou voluntariamente fora da humanidade que raciocina.

Forçoso é reconhecer que o exercito dos católicos tem em seu favor o poder da rotina, o funcionamento de todas as supervivencias e continua obrando em virtude da força da inercia. Milhões de individuos ajoelham-se expontaneamente ante o sacerdote resplandecente de oiro e seda; impulsionada por uma série de movimentos reflexos, amontoa-se a multidão nas naves do templo nos dias de festa patronal; celebra Natividade e as Pascoas, porque as gerações anteriores tem celebrado periodicamente essa festa; os idolos chamados a virgem e o menino permanecem gravados nas imaginações; o asceta venera sem saber porquê o pedaço de cobre, de marfim ou de outra matéria talhada em forma de crucifixo; inclina-se a falar de «moral do Evangelho», e quando mostra as estrelas a seu filho não se esquece de glorificar o divino obreiro. Sim, todas essas creaturas do convencionalismo, porta-vozes da rotina, constituem um exercito temivel pelo seu numero: — essa é a materia humana que constitue as maiorias e cujos gritos sem pensamento ressoam e encham o espaço como se representassem uma opinião. Mas ; que importa ! por fim essa massa acaba por não obedecer aos impulsos atavicos : — volta as costas indifferente ao palavreado religioso que já não comprehende; não vê no padre um representante de Deus para perdoar os pecados, nem um agente do domonio para embruxar homens e bestas, mas sim um charlatão que desempenha uma farça para viver sem trabalhar. Tanto o camponez como o operario não temem já o seu paroco, e ambos temem alguma ideia da sciencia, sem conhecê-la ainda e, esperando, formam uma espécie de paganismo, entregando-se vagamente ás forças da Natureza.

Não ha duvida que uma revolução silenciosa que descristianiza lentamente as massas populares é um acontecimento capital, mas não ha-de olvidar-se que os adversarios mais terriveis, pois carecem de sinceridade, não são os infelizes rotineiros do povo, tampouco os crentes, pobres suicidas do entendimento que se vem posternados nos templos cobertos sob o espesso veu da fé religio-

sa que lhes esconde o mundo real. Os hypocritas ambiciosos que os guiam e os indiferentes que sem ser católicos se uniram oficialmente á Igreja, os que fazem dinheiro da fé, esses são muito mais perigosos que os cristãos. Por um fenómeno contraditório na apparencia, o exercito clerical faz-se cada vez mais numeroso á medida que a crença se desvanece, devido a que as forças inimigas se agrupam por ambas as partes: — a Igreja reúne detraz de si todos os seus cúmplices naturais, dos quais tem feito escravos adextrados para o mando, reis, militares, funcionarios de todas as classes, volterianos arrependidos e até pais de familia que querem criar filhos bem comportados, graciosos, cultos, elegantes, porém guardando-se com extrema prudencia de quanto pudesse assemelhar-se a seu pensamento.

«Que dizeis!» — exclamará, sem duvida, algum politico desses a quem apaixona a luta actual nas congregações e o bloco republicano, espécie de fusão, do Parlamento francês. «Não sabeis que o Estado e a Igreja romperam definitivamente as suas relações, que os crucifixos e corações de Jesus e Maria se tiraram das escolas para serem substituidos por formosos retratos do presidente da Republica?»

Ignorais que as creanças serão no futuro perserveradas cuidadosamente das superstições antigas e que os professores laicos lhes darão uma educação fundada na sciencia, livre de toda a mentira, e se mostrarão sempre respeitadores da liberdade humana? ; Ah! Sobejamente sabemos que surgem diferenças nas alturas entre os detentores do poder; não ignoramos que entre as gentes do clero os seculares e os regulares estão em desacordo sobre a distribuição das prebendas e o casual; temos por certo que a antiga quorela das *investiduras* continua de século em século entre o papa e os Estados laicos; mas isso não impede que as duas categorias de dominadores, religiosos e politicos, estejam no fundo de acordo, ainda em suas excomunhões reciprocas, e que compreendam da mesma maneira a sua missão divina a respeito do povo governado; uns e outros querem submeter os povos pelos mesmos meios, dando á infancia identica educação — a da obediencia.

Hontem ainda, sob a alta protecção do que se chama «a Republica», eram os donos incontestaveis e absolutos. Todos os elementos da reacção se encontravam unidos sob o mesmo lábaro symbolico, o «signo da cruz», mas seria ingénuo quem se deixasse enganar pela divisa dessa bandeira; não se tratava de fé religiosa, mas sim de dominação: — a crença intima era somente um pretexto para a imensa maioria dos que querem conservar o monopolio dos poderes e das riquezas; para eles o objecto unico consistia em impedir a todo o transe a realização do ideal moderno: — *o pão, o trabalho e o repouso para todos*. Nossos inimigos, ainda odiando-se e desprezando-se mutuamente, necessitavam, não obstante, de agrupar-se num só partido.

Achando se isolados, as causas respectivas das castas directoras; resultavam unicamente pobres de argumentos, excessivamente ilógicas para intentar defender-se com exito por si sós, e por esse motivo era-lhes indispensavel coligar-se em nome de uma causa superior e deitaram mão do seu Deus, ao qual denominam «princípio de todas as coisas», «grande ordenador do universo». E por isso, considerando demasiado expostos os corpos de tropas numa batalha, abandonam as fortificações exteriores recentemente construidas e reúnem-se no centro da posição, na cidade-la antiga, adaptada pelos engenheiros á guerra moderna.

Porém, excessivamente ambiciosos, os padres e os frades incorreram em imprudencia notória: — chefes da conspiração, em possessão da consigna divina, exigiram uma parte bastante vantajosa do budo. A Igreja, insaciavel sempre na rapina, exigiu um direito de entrada a todos os seus novos aliados, republicanos e outros, consistindo em subvenções para todas as suas missões estrangeiras, na guerra da China e no saque dos palacios imperiaes. Deste modo se acrescentaram prodigiosamente as riquezas do clero: — só em França aumentaram muito mais do dobro nos ultimos vinte anos do século passado; contam-se por milhares de milhões o valor das terras e das casas que pertencem declaradamente aos curas e aos frades, sem contar os milhares de milhões que possuem sob os nomes de senhores aristocratas e velhas beatas.



Os jacobinos veem com bons olhos que essas propriedades se acumulem nas mesmas mãos, esperando que um dia de um só golpe se apodere delas o Estado; mas esse remédio, mudará a enfermidade sem curá-la.

Essas propriedades, produto da traição e do roubo, hão-de voltar à comunidade de onde foram extorquidas; fazem parte do grande haver terrestre pertencente ao conjunto da humanidade.

Por excesso de ambição, as gentes de igreja teem cometido a torpeza, inevitavel por outro lado, de não evoluir com o século, e levando demais sobre as costas a sua bagagem de antiguidades, retardaram-se no caminho. Regougam o latim, o que lhes tem feito olvidar o francez que se fala em Paris; soletram a trilogia de São Tomaz, mas essa transtornada fraseologia não lhes serve de grande coisa para discutir com os discipulos de Berthelot.

Não ha duvida que alguns deles, especialmente os clérigos americanos, em luta com uma jovem sociedade democratica, subtraida ao prestigio de Roma, trataram de rejuvenescer os seus argumentos, renovando um pouco o seu antigo esplendor; porém, essa nova tactica de controversia foi desaprovada pela autoridade suprema, e o misonheismo, o ódio a todo o culto novo tem triunfado: —o clero permanece retardado, com toda a horrivel banda de magistrados, inquisidores e verdugos, collocando-se detraz os reis, os príncipes e os ricos, não sabendo a respeito dos humildes mais que pedir a caridade e não um amplo e formoso sitio ao bom sol que nos ilumina no presente. Tem davido filhos perdidos do catholicismo que suplicam ao papa que se declare socialista e que se colloque atrevidamente á frente dos niveladores e dos famintos, mas os milhões do seu «dinheiro de «São Pedro» e o seu Vaticano é que o impedem disso.

¡ Formoso dia foi para nós, pensadores livres e revolucionarios, aquele em que o papa se encerrou definitivamente no dogma de sua infalibilidade! Eis o homem agarrado numa ratoeira de aço. Eil-o, algemado aos velhos dogmas, sem poder desdizer-se, renovar-se nem viver, obrigado a cingir-se ao Sillabus, a amaldiçoar a sociedade moderna com todas as suas descobertas e pro-

gressos. Já não é mais que um prisioneiro voluntario, agarrado á margem que deixamos atraz e que nos persegue com suas vãs imprecações, enquanto nós sulcamos livremente as ondas, desprezando a um dos seus lacaios que por ordem do seu amo, proclama a «quebra da sciencia».

Que alegria para nós! Que a Igreja não queira aprender nem saber, que permaneça para sempre ignorante, absurda e presa a esse miseravel estado em que jaz, a que já S. Paulo chamava a sua loucura—; isso é o nosso triumpho definitivo!

Transportemo-nos pela imaginação aos futuros tempos da irreligião censciente e raciocinada; E que consistirá, dadas essas novas condições, a obra por excelência dos homens de boa vontade? Em substituir as alucinações por observações precisas; em substituir as ilusões celestes prometidas aos famélicos pelas realidades de uma vida de justiça social, de bem-estar, de trabalho livre; no goso, pelos fiéis da religião humanitaria, de uma felicidade mais substancial e mais moral que aquela com que os cristãos se contentam actualmente. O que estes desejam é não ter a penosa tarefa de pensar por si meemos nem ter que buscar na sua própria consciencia o mobil das suas acções; não tendo já um fetiche visivel como os nossos negros selvagens, empenham-se em possuir um manipanso secreto que cure as feridas do seu amor proprio, que os console em seus pezares, que lhes dulcifique a amargura das horas de enfermidade e lhes assegure uma vida imortal isenta de todos os cuidados. Mas tudo isso de um modo pessoal:— sua religiosidade não cuida dos desgraçados que continuam perigosamente a dura batalha da vida; são como aqueles espectadores da tempestade de quem fala Lucrécio, que gosam vendo desde a praia a desesperação dos naufragos lutando contra as vagas embravecidas; recordam de seu Evangelho essa vil parábola de Cristo que representa Lazaro, o pobre, «repousado no seio de Abraham, negando-se a húmedecer a ponta do seu dedo em agua para refrescar a lingua do rico perverso». (S. Lucas, XVI).

Nosso ideal de felicidade não é esse egoismo cristão do ho-

mem que se salva vendo perecer o seu semelhante e que nega uma gota de agua ao seu inimigo; nós, os anarquistas, que trabalhamos pela nossa completa emancipação, colaboramos por isso mesmo para a liberdade de todos, ainda mesmo para o daquele rico maldoso a quem livraremos de suas riquezas e lhe asseguraremos o beneficio da solidariedade de cada um de nossos esforços.

Não se concebe a nossa vitória pessoal sem que por ela se obtenha tambem ao mesmo tempo uma vitória colectiva; nosso anelo de felicidade não pode atingir-se se não com a felicidade de todos, porque a sociedade anarquista, longe de ser um corpo de privilegiados, é uma comunidade de iguais, e será para todos uma felicidade imensa, de que não podemos formar ideia actualmente, viver num mundo em que não se verão creanças maltratadas por seus pais, nem serão obrigadas a recitar o catecismo, famintos que supliquem o centavo da caridade, mulheres que se prostituam por um pedaço de pão, nem homens validos que se dediquem a ser soldados ou policias faltos de meio melhor de atender á sua subsistencia.

Reconciliados todos, porque desaparecerão interesses de dinheiro, de posição e de casta, não haverá inimigos uns dos outros, os homens poderão estudar juntos, tomar parte, consoante as suas habilitações individuais, nas obras colectivas de transformação planetaria, na redacção do grande livro dos conhecimentos humanos; numa palavra, sentirão o prazer de uma vida livre, cada vez mais ampla, poderosamente consciente e fraternal, livrando-se assim das alucinações, da religiosidade e da Igreja, e, acima de tudo, poderão trabalhar directamente para o porvir, ocupando-se dos filhos, gosando com eles da Natureza e guiando-lhes o estudo das sciencias, das artes e da vida.

Os catholicos podem ter-se apoderado oficialmente da sociedade, mas não são nem serão seus amos, porque não sabem mais que afoegar, oprimir e depreciar: — tudo o que é vida lhes escapa. Na maior parte sua fé é morta: — não lhes fica mais que a gesticulação piedosa, as genuflexões, os *oremus*, a recordação do rosario e o coroamento do breviario.

Os bons entre os clérigos vem-se obrigados a fugir da Igreja para encontrar um abrigo entre os profanos, é dizer, entre os que professam a fé nova, entre nós, anarquistas e revolucionarios que vamos para um ideal e que trabalhamos alegremente por realizá-lo.

Fora, pois, da Igreja, absolutamente fracassada para todas as grandes esperanças, se cumpre tudo o que é grande e generoso. E fora dela e ainda a pezar seu, os pobres, a quem os eclesiasticos prométiam ironicamente todas as riquezas celestiais, conquistarão alfim o bem-estar na vida presente. Apesar da Igreja se fundará a verdadeira Comuna, a sociedade dos homens livres, para a qual nos tem encaminhado tantas revoluções anteriores contra o padre e contra o rei.



## NOTA

Por razões estranhas á nossa vontade, tivemos que substituir o belo folheto de Luiz Fabbri, anunciado, pelo presente, devido á pena do sabio Eliseu Reclus.

Fazemos esta declaração, certos de que a falta momentanea daquele acha-se bem compensada por este, cheio de belos ensinamentos que nenhum liberal deve olvidar na época actual.

A seguir publicar-se-ha então o de Luiz Fabbri, intitulado:

INFLUENCIAS BURGUEZAS

SOBRE O ANARQUISMO